

CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM HERMANTINA BERALDO GESTÃO CELINA VIEGAS

FOUNDATION AND IMPLEMENTATION OF THE HERMANTINA BERALDO NURSING SCHOOL UNDER THE ADMINISTRATION OF CELINA VIEGAS

CREACIÓN Y IMPLANTACIÓN DE LA ESCUELA DE ENFERMERÍA HERMANTINA BERALDO ADMINISTRACIÓN POR CELINA VIEGAS

Maria Aparecida de Araújo¹
Estelina Souto do Nascimento²
Valda da Penha Caldeira³

RESUMO

Objetivamos descrever a criação da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (EEHB) e as estratégias de luta da primeira diretora, Celina Viegas. O recorte temporal abrange desde a criação da Escola, ocorrida em 1946, até o ano de 1968, e o período correspondente à gestão Celina Viegas. As fontes primárias incluem documentos escritos e entrevistas, e as secundárias referem-se às bibliografias sobre a História da Enfermagem. A descrição feita a partir dos documentos escritos evidencia aspectos da criação, implantação e consolidação da EEHB, contextualizada por estratégias que visavam controlar as atividades das alunas no tocante à disciplina, postura e hierarquia. Os rituais institucionalizados na Enfermagem brasileira transmitem uma imagem homogênea do grupo, dando visibilidade à profissão.

Palavras-chave: Enfermagem; História da Enfermagem; Educação em Enfermagem; Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (EEHB); Brasil

ABSTRACT

This study describes the foundation of the Hermantina Beraldo Nursing School– EEHB – and the strategies used by the first director, Celina Viegas. The period under study runs from the creation of the school, in 1946, until 1968, corresponding to the administration of Celina Viegas. The primary sources include written documents and interviews; then there is the bibliography on the history of Nursing. The description based on the written documents emphasizes some aspects of the foundation, implementation and consolidation of the EEHB, which followed some strategies to control students' activities with regard to discipline, posture and hierarchy. The institutionalized rituals in Brazilian Nursing convey a homogeneous image of the group, which enhances career opportunities.

Key words: Nursing; History of Nursing; Education, Nursing; Hermantina Beraldo Nursing School – EEHB; Brazil

RESUMEN

El principal objetivo de este estudio es describir la fundación la Escuela de Enfermería Hermantina Beraldo- EEHB – y las tácticas de lucha que la primera directora, Celina Viegas, empleó para consolidar dicha institución en un momento conturbado de la historia política y social del país. El periodo analizado se extiende desde la creación de la Escuela, en 1946, hasta 1968 y se refiere a la gestión de Celina Viegas, primera directora de la EEHB. Las primeras fuentes incluyen documentos escritos, fotográficos y entrevistas donde quedaron registrados aspectos que van desde la fundación hasta su consolidación como institución. Los documentos escritos realzan algunos de los aspectos de este trayecto así como estrategias utilizadas para controlar las actividades de los alumnos en lo referente a disciplina, comportamiento y jerarquía. Además, las costumbres ya institucionalizadas en el campo de la enfermería brasileña transmitían una imagen homogénea del grupo, permitiendo mejores oportunidades en la carrera.

Palabras clave: Enfermería; Historia de la Enfermería; Educación en Enfermería; Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo– EEHB; Brasil

¹ Enfermeira, Professora da Faculdade de Enfermagem da UFJF-MG. Membro do Núcleo de Pesquisa de Fundamentos do Curso de Enfermagem – NUCLEARTE – Escola Ana Nery – UFRJ. Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFMG.

² Enfermeira, Professora da Escola de Enfermagem da PUC-MG. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre o cotidiano em Saúde- NUPEQS. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP.

³ Enfermeira, Professora da Escola de Enfermagem da UFMG-MG, Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre o cotidiano em Saúde - NUPEQS. Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da UNI-RIO.

Endereço para correspondência: Maria Aparecida de Araújo - Rua Santo Antônio, 135 apto. 902 - Belo Horizonte/MG
Telefone: (0XX)32.3214-1888. E-mail: geli@enfermagem.interfire.com.br

I. INTRODUÇÃO

A implantação do modelo anglo-americano de Enfermagem no Brasil ocorreu sob a égide da Saúde Pública, no bojo da Reforma Sanitária de 1920, mediante a criação de uma escola de enfermagem e de um serviço de enfermeiras, ambos dirigidos por enfermeiras americanas e chefiados por *Ethel Parsons*. “Tal modelo agregava às características do tradicional modelo *Nightingale* outras, desenvolvidas em seu processo de adaptação à sociedade americana desde a guerra civil”.⁽¹⁾

A compreensão sobre a adoção do referido modelo no Brasil implica, então, retrospectiva e resgate do seu surgimento na Inglaterra em 1860, tendo por fundadora *Florence Nightingale*. Também esse modelo foi adotado nos Estados Unidos da América em 1873 e trazido para o Brasil pela coordenadora da missão norte-americana, *Ethel Parsons*.⁽¹⁾

A pedra fundamental que marcou o início do processo formativo de enfermeiros no Brasil resultou da visita do Dr. Carlos Chagas aos Estados Unidos. Essa visita teve como finalidade a busca de recursos que pudessem contribuir para solucionar os graves problemas sanitários que afligiam a população brasileira.⁽²⁾

Com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), em 2 de janeiro de 1920, ocorreu a institucionalização, de maneira efetiva, das práticas sanitárias sob responsabilidade do aparato estatal. Também foi com a criação desse departamento que ocorreu o reconhecimento político do médico sanitário Carlos Chagas que, além de ter sido nomeado diretor dessa instituição, liderou a reforma sanitária.⁽¹⁾

Mesmo com essas iniciativas, Santos esclarece que, somente em 1922, pelo Decreto n.º 16.300/22, foi criada a primeira escola de Enfermagem especializada na área de Saúde Pública no Brasil.⁽¹⁾ Essa escola foi financiada pela Fundação *Rockefeller* e recebeu a denominação de Escola de Enfermeiras do DNSP, onde foram usados os parâmetros que constituíam o modelo instituído por *Florence Nightingale* em 1860, utilizado na Inglaterra e adotado nos Estados Unidos da América (EUA), em 1873. As enfermeiras americanas transplantaram para o Brasil esse modelo que pode ser chamado, com propriedade, de modelo anglo-americano de Enfermagem.⁽¹⁾

As contribuições do Dr. Carlos Chagas na criação da primeira escola de Enfermagem no Brasil incluíam a defesa de que o processo formativo deveria ser de nível elevado: as candidatas ao curso deveriam ter diploma da escola normal ou documento que provasse terem “instrução secundária bastante”, aliado a qualidades pessoais e morais. Na falta desses documentos, a aprovação em exame de admissão era indispensável à matrícula.⁽³⁾ Também, o referido cientista reconheceu que a criação dessa unidade de ensino representou uma conquista com êxito e chegou a mencioná-la em um dos seus discursos.

Pelo Decreto n.º 17.268/26⁽⁴⁾, a Escola de Enfermeiras do DNSP passou a ser denominada Escola de Enfermagem D. Anna Nery. De acordo com o Decreto n.º 20.109/31⁽⁵⁾, ficou regulamentado o exercício da profissão de enfermeira e foram determinadas as condições para que fosse processada a equiparação das unidades de ensino de enfermagem com parâmetros semelhantes entre si, seguindo os padrões constitutivos do modelo Anna Nery.⁽¹⁾

No Decreto n.º 20.109/31⁽⁵⁾, art. 7.º, alínea “a” e “b”, foram especificados os requisitos necessários para a prática de enfermagem em hospitais.

Em Minas Gerais, com o Decreto n.º 1.751/46⁽⁶⁾, foi aprovada a Reforma da Saúde Pública de Minas Gerais, na qual estava incluída a possibilidade de serem criadas escolas de Saúde Pública, escolas de Enfermagem e cursos gerais e especiais de Saúde Pública, uma vez que esses seriam recursos institucionais, essenciais para a implementação e execução das atividades necessárias à busca de melhoria das condições de vida do povo mineiro. Foi com essa prerrogativa que o Dr. João Tavares Corrêa Beraldo assumiu o compromisso de criar a terceira unidade de ensino na área de Enfermagem no contexto mineiro, uma vez que já existiam a Escola de Enfermagem Carlos Chagas e a Escola de Enfermagem Hugo Werneck. Para sediar a Escola, foi escolhido o município de Juiz de Fora. Essa escolha foi feita pelo Dr. Alvinho Moreira de Paula, que era o Secretário de Saúde na época.⁽⁷⁾

Em julho de 1946, a unidade de ensino criada recebeu a denominação de Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo – EEHB – em memória à esposa do Interventor de Minas e criador da Escola, Dr. João Tavares Corrêa Beraldo.

Aos 13 de novembro de 1946, foi assinado o Decreto n.º 1.907⁽⁸⁾, publicado no Diário Oficial de Minas Gerais aos 14 de novembro do mesmo ano. Esse decreto redefiniu a reorganização do Departamento Estadual de Saúde. Com essa redefinição, a EEHB passou a ser subordinada diretamente à Escola de Saúde Pública, cujo diretor era o Dr. Cid Ferreira Lopes.

Foi nesse contexto que ocorreu o início do funcionamento da Escola e, a partir 1965, o curso de minha vida toca em alguns pontos da trajetória da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo – EEHB.

Minha experiência como discente da EEHB começou em 1965, quando fiz o Curso de Auxiliar de Enfermagem. Foi excelente; posso dizer que foram momentos enriquecedores para a minha profissão.

Após 11 anos, em 1976, voltei à Escola para cursar Enfermagem em nível superior. Fazendo a retrospectiva de minha vida escolar e profissional de Enfermagem, reforço que aqueles momentos também me motivaram a fazer esse estudo.

Vale a pena lembrar que são dezenove anos de ensino. Durante muito tempo, tentei, em vão, sistematizar a evolução da enfermagem no município de Juiz de Fora, uma vez que os documentos existentes encontravam-se dispersos e as informações fragmentadas. Em 1977, o governador de Minas Gerais – Aureliano Chaves – promove a transferência da Faculdade Hermantina Beraldo para a Universidade Federal de Juiz de Fora e, na mesma lei, extingue a Fundação Mantenedora Hermantina Beraldo.⁽⁹⁾ Na realidade, não houve a transferência, pois a Universidade de Juiz de Fora criou o departamento da faculdade de medicina – Resolução do Conselho Universitário 62/77.⁽¹⁰⁾ O conselho propôs a criação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia e a extinção da Fundação Hermantina Beraldo – UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora).

Aos 21 de fevereiro de 1983, assumi a docência no Departamento de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

Essa instituição de ensino procurou formar profissionais com conhecimentos técnicos e científicos e atender às necessidades de uma sociedade, nos diversos momentos de sua evolução, porém sua história está quase restrita à memória das pessoas que viveram naquela época. O tempo muitas vezes dilui a memória, e os acontecimentos importantes são esquecidos. É na valorização das recordações que este trabalho está ancorado.

Desse modo, fundamentado na minha experiência e nas referências apresentadas anteriormente, o presente estudo levanta as seguintes interrogações: O que determinou a criação de uma escola de enfermagem em Juiz de Fora? Como transcorreu a gestão da primeira diretora no período de 1946 a 1968? Que característica do modelo anglo-americano do ensino de enfermagem está presente na Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo, no período em estudo?

2. OBJETIVO

O presente trabalho busca descrever as circunstâncias que favoreceram a criação, a implantação e a consolidação da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo no modelo anglo-americano de Enfermagem, no município de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais. Considerando as questões levantadas e o objetivo formulado, procuro, neste estudo, evidenciar a importância da EEHB, na gestão da professora Celina Viegas (1946 a 1968).

O desenvolvimento deste estudo permitiu-me também a recuperação, catalogação e preservação de importantes documentações, escritas e iconográficas, que remontam à década de 1940, facilitando a outros pesquisadores o acesso a essas fontes.

Evidencio, então, que os resultados alcançados podem contribuir para ampliar o conhecimento, hoje existente, sobre a criação, a implantação e a consolidação da EEHB, como uma das instituições que, desde o período de sua criação, vem contribuindo para a formação de profissionais e para a prestação de serviços na área de saúde, incluindo-se os de pesquisa e extensão.

3. MATERIAL E MÉTODO

O estudo foi efetivado segundo os parâmetros da pesquisa qualitativa, utilizando diferenciadas fontes primárias e secundárias, preocupando-se em selecionar informações que pudessem retratar o objeto, conforme os aspectos que o particularizavam.

O corte temporal desta investigação abrange o período de 1946 a 1968. O marco inicial corresponde à criação da Escola e à nomeação de Celina Viegas para o cargo de primeira diretora da Escola; o terminal, em 1968, refere-se ao final da sua gestão.

A seleção dos documentos (ofícios, atas do Conselho Administrativo e do Diretório Acadêmico, telegramas, cartas, reportagens de jornal, fotografias e gravações) foi feita em razão dos objetivos da pesquisa, com a complementação de testemunhos colhidos em entrevistas gravadas com professoras, alunas, aluno dos cursos de Enfermagem e Auxiliar de Enfermagem.

A primeira organização do material foi realizada enquanto a coleta progredia. Foram feitas transcrições

das fitas gravadas e, em seguida, o material foi ordenado cronologicamente, respeitando-se o tipo e a natureza de cada documento. Posteriormente eles foram classificados, segundo uma ordem cronológica e temática. Toda ordenação foi acompanhada de notas sobre a natureza, a fonte e síntese do conteúdo do documento.

Os entrevistados assinaram termo de Cessão de Direitos sobre depoimento oral, permitindo sua identificação junto às opiniões emitidas, respeitados os princípios éticos, de acordo com a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁽¹¹⁾, que trata de fazer cumprir os princípios básicos de pesquisa que envolve seres humanos.

A operacionalização deste estudo teve como preocupação básica contribuir para que a história da EEHB fosse resgatada desde o momento de sua criação, singularizando seus aspectos relevantes. Assim procedendo, foi possível apresentar, por meio da sistematização das informações, uma parcela da história construída por sujeitos históricos que, tendo interesses convergentes, disponibilizaram-se a rever o passado vivido na intensidade de fatos e experiências que, reconhecidamente, têm valor peculiar para a institucionalização e implementação do processo formativo e da prática profissional na área de Enfermagem.

Na construção dos fatos históricos, no presente, podemos também utilizar as lembranças do passado como uma forma de resgatá-los. Percebemos que este trabalho não é um processo concluído e, sim, o início de novas pesquisas na história da Enfermagem em Juiz de Fora.

Criação, instalação e implantação da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo

O Estado de Minas Gerais, no início da década de 1940, contava com a Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em Belo Horizonte, a primeira unidade de ensino na área de Enfermagem criada no espaço mineiro, e a segunda do Brasil, criada em 1933 e equiparada à Escola de Enfermagem Anna Nery pelo Decreto nº 9.102, de 24 de março de 1942.⁽¹²⁾

A segunda Escola de Enfermagem em Minas foi a Hugo Werneck, criada em 22 de abril de 1945 e reconhecida oficialmente em 21 de julho de 1949 pelo Decreto nº 775, de 06 de agosto de 1949, atual Escola de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.⁽¹³⁾

A Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo nasceu no âmbito da Reforma do Departamento Estadual de Saúde realizada pelo então diretor de Saúde Pública, Dr. Alvinio Moreira de Paula. Essa unidade de ensino foi criada pelo Dr. João Tavares Corrêa Beraldo, de conformidade com o Decreto nº 1.751/46.⁽⁶⁾

Celina Viegas foi nomeada primeira diretora da EEHB, em 29 de junho de 1946. Após a nomeação, juntamente com duas colegas, enfermeiras Aracy Sette Câmara e Umbelina Goulart, Viegas dirigiu-se para Juiz de Fora. Instalaram-se num hotel, conforme depoimento dessa primeira diretora. Enquanto esperava a instalação da EEHB, Viegas deu início à organização dessa unidade de ensino e à sua integração à sociedade local.

Vencidas as dificuldades iniciais, com o apoio do Interventor do Estado, Dr. Alcides Lins, o Curso de

Enfermagem foi instalado no dia 8 de março de 1947, com a coincidência de ser também o dia de São João de Deus, considerado enfermeiro da era católica.⁽⁷⁾

O curso funcionou em duas turmas, tendo a primeira iniciado em março e a segunda, em junho de 1947. No turno da manhã, aconteciam as aulas práticas e os estágios. As aulas teóricas se desenvolviam à tarde. Neste turno, também eram ministradas as disciplinas de Administração Hospitalar e Religião Católica. A presença dessa última no quadro de disciplinas é forte indício da influência religiosa no processo formativo da enfermagem.

O turno da noite era reservado para o plantão. Havia uma escala seguida pelas professoras que assumiam a atividade didática de supervisão em regime de 12 horas.⁽¹⁴⁾

A primeira turma do curso teve início em março e a segunda, em junho de 1947. Foi necessário aguardar o reconhecimento do curso, razão pela qual a formatura de ambas, chamadas de “As Pioneiras”, aconteceu na mesma época.

O Decreto nº 28.376, de 12 de julho de 1950⁽¹⁵⁾, foi o instrumento legal que expressou a concessão do reconhecimento do Curso de Enfermagem da EEHB.

Além da busca de reconhecimento do Curso, Celina Viegas dedicou-se com afinco à busca de espaço físico adequado para a Escola.

A primeira Sede da EEHB foi instalada na rua Floriano Peixoto, 535, aos 8 de março de 1947. A Escola foi transferida para um sobrado de dois andares na Avenida Rio Branco, 3596⁽¹⁴⁾ em 11 de fevereiro de 1948; a casa ficou conhecida como casa verde, onde foi instalada a sede administrativa. Posteriormente, foi alugada uma outra casa que serviu de apoio para as atividades da Escola, conhecida como Casa Amarela, na Av. Rio Branco 3550 e, finalmente, em 1º de janeiro de 1967, foi inaugurada a sede definitiva da EEHB, na Av. dos Andradas, s/n.

Cerimônia de formatura

A formatura das “Pioneiras” teve início com uma missa de ação de graças e as duas turmas tiveram paraninfos distintos.

Durante a cerimônia de colação de grau, havia também a passagem da lâmpada, símbolo da Enfermagem. Nessa cerimônia, uma formanda passava a lâmpada para uma colega do último período. A escolha dessa aluna, feita pela turma, recaía na companheira de classe que tivesse sobressaído positivamente entre as demais, em todas as situações, dentro de sala de aula e na assistência ao paciente.

A cerimônia de formatura das “Pioneiras” evidenciou, também, o jogo de símbolos usados na época: a formação da mesa, em que cada pessoa ocupava um lugar determinado; o discurso; o juramento; o uniforme.

Nos anos seguintes, as cerimônias mantiveram os ritos, usando os símbolos mencionados, como o uso de uniformes de gala para as professoras e as alunas. Gradativamente, os símbolos usados foram trocados por novos costumes. Esse fato fica evidente com a turma destacada como “Turma da Beca”, em 6 de janeiro de 1965.⁽¹⁶⁾ Foi a primeira turma para a qual tinha sido exigida, ao ingressar na escola, a conclusão do curso de ensino médio, passando então o curso de Enfermagem a nível superior.

Conteúdo teórico-prático do processo formativo

O município de Juiz de Fora, em 1947, possuía diversos hospitais e serviços de saúde, podendo ser destacados: Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, Casa de Saúde e Maternidade Delfim Moreira, Maternidade Therezinha de Jesus, Hospital Militar, Dispensário Eduardo de Menezes e Lactário São José.⁽¹⁴⁾

Para atender à demanda dessas instituições, havia necessidade de se ampliar o quadro de enfermeiras. Segundo Viegas, com a criação do Curso de Enfermagem, foi iniciada uma nova maneira de assistir os clientes desses hospitais. Outro fator que comprova a necessidade da existência desse curso na cidade foram os avanços das novas tecnologias e o surgimento de novos fármacos, que demandavam pessoal de melhor qualificação. As novas técnicas relacionadas à esterilização de material cirúrgico, com as novas autoclaves, substâncias para desinfecção, atendimento em salas de parto e cirurgias ilustram o começo da utilização de toda essa tecnologia dos nossos dias.⁽⁷⁾

A seleção das candidatas consistia de uma série de requisitos que foram enumerados, a saber: provas escritas de Português, Matemática, História e Geografia.⁽¹⁴⁾ Além de se submeter às provas, as moças deveriam possuir o diploma de ginásio ou equivalente. E, ainda, eram exigidos, para a matrícula das alunas aprovadas, o exame de saúde, o atestado de sanidade física e mental, a vacina anti-varíola e exames de sangue: hemograma, glicemia, fator Rh e sorologia para Lues – análise de sangue para detectar sífilis.

Quanto à estrutura do currículo, ressalta-se que primeiramente eram ministradas as disciplinas básicas, como: Anatomia, Fisiologia, Histologia, Microbiologia, Química e Técnica de Enfermagem. Tendo acesso a esses conhecimentos e participado de demonstrações e práticas das técnicas no laboratório, as alunas eram liberadas para o pré-estágio, num período de três meses. Posteriormente, mediante aprovação na aptidão para as técnicas, iniciavam os estágios na Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, nas clínicas de cirurgia e clínicas médicas (de homens e de mulheres).⁽¹⁴⁾

As alunas prestavam assistência integral aos pacientes hospitalizados, no horário da manhã, sob a supervisão da professora responsável por cada clínica.

O controle da pontualidade e assiduidade nos estágios se fazia mediante uma “caderneta vermelha”. Quando a aluna chegava atrasada, era anotado um “at”. Dois “ats” significavam uma falta.⁽¹⁴⁾

Ferreira⁽¹⁴⁾ informa, ainda, que as aulas de Ciências e Anatomia contavam com a colaboração da Escola de Farmácia e Odontologia, que cederia seu laboratório anatômico para os estudos. E, concluindo, diz que o ensino da Ética se dava no primeiro ano, ministrado por Celina Viegas. Entre os temas abordados pela Deontologia, eram enfatizados os princípios éticos do respeito aos doentes, e a conduta da aluna, dentro e fora do espaço hospitalar.

Para a realização do estágio em Psiquiatria, houve necessidade de se enviar as alunas para São Paulo, no Hospital Pinel, no Juqueri, em Franco da Rocha, pois as condições em Juiz de Fora não eram favoráveis para a realização do referido estágio.⁽¹⁷⁾

Após alguns anos de funcionamento da EEHB e devido às especializações das professoras, no exterior, foi

verificada a necessidade de modificação do currículo, que se encontrava defasado em relação aos conhecimentos a que tiveram acesso. Todavia a modificação necessária exigiria um estudo mais aprofundado sobre o processo formativo na área de Enfermagem. Entre as disciplinas que deveriam ser incluídas na reformulação curricular, foi mencionada a de Psicologia Educacional que, na ótica de Guimarães, constituiria um avanço para o ensino, cabendo às instrutoras ter especial atenção sobre sua inclusão no novo currículo.⁽¹⁸⁾

Além do ensino e dos assuntos pertinentes à reformulação curricular, havia também a preocupação com as leis que regiam a profissão do enfermeiro. Em 1953, em reunião, dois assuntos importantes foram discutidos: a aposentadoria para o profissional que tivesse prestado vinte e cinco anos de trabalho, e a mudança, aprovada pela Lei 775/49 pelo Ministério da Educação e Cultura, quanto ao ingresso no Curso de Enfermagem, que passava a exigir a conclusão do ensino médio.⁽¹⁹⁾

Entretanto essa determinação criaria um problema a ser resolvido na EEHB, visto que existiam professoras que não possuíam o novo grau mínimo exigido. Como havia um prazo de cinco anos para o cumprimento de tal lei, as professoras que se encontravam nessa situação teriam tempo para se nivelarem. Também com essa delimitação, o Curso de Enfermagem passou a ser de nível superior, o que, para a EEHB, representou mais uma conquista.⁽²⁰⁾

A implementação dessa medida na EEHB levou Viegas a discutir com as professoras as alternativas que seriam viáveis naquele momento. Entre as decisões tomadas, incluía-se: as candidatas ao processo seletivo que tivessem o curso científico concluído fariam a graduação em Enfermagem em três anos, enquanto para as candidatas de nível ginásial, a duração seria de quatro anos.

A situação vivenciada pela EEHB diante dos novos critérios não representou, de imediato, uma possibilidade para oferecer curso com duração de três anos, pois as candidatas que se apresentavam ao processo seletivo possuíam nível ginásial. Além disso, as professoras que tinham apenas o ginásial foram ainda encaminhadas para freqüentar o curso científico, visando à adequação às novas normas do Ministério da Educação e Cultura.

A gestão da diretora Celina Viegas, no período de 1946 a 1968, representou, então, desde o processo de criação da EEHB até a consolidação e reformulação curricular, o cumprimento de um compromisso assumido, formando um grupo de profissionais que ocuparia o espaço da Enfermagem em Juiz de Fora, visando à melhoria dos serviços de saúde. Esse compromisso foi continuamente transmitido aos alunos, singularizando o valor da assistência ao doente e do cuidado a ele dispensado, o que contribuiu, naquela época, para o desencadear do processo de legitimidade, de reconhecimento e de respeito pelo profissional da Enfermagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, tratei de particularizar a história da EEHB no período de 1946 a 1968, em que estive sob a direção de Celina Viegas. Essa profissional, que fez a opção pela carreira docente na área da Enfermagem, decidiu,

também, após a conclusão do seu processo formativo, em Belo Horizonte, ampliar seus conhecimentos, tanto nessa área como em Ciências Sociais, Direito e Antropologia. Buscou, ainda, especializar-se nos Estados Unidos da América, onde obteve o grau de mestre. Além dessas vinculações e experiências pessoais, acadêmicas e científicas, empenhou-se em participar de eventos e atividades científicas e culturais.

Assumindo responsabilidade direta e indireta pelo processo formativo de profissionais, a EEHB pôde oferecer os cursos de graduação em Enfermagem e de Auxiliar de Enfermagem, em correspondência com os preceitos, os princípios configuradores do modelo anglo-americano. Além disso, os integrantes dessa unidade de ensino que se comprometeram com a formação desses profissionais, desempenhando papéis diferenciados na administração e na docência, souberam reconhecer as demandas por mudanças. Essas mudanças foram paulatinamente introduzidas, após amplos e diferenciados debates em reuniões, promoção de eventos, legitimação do DA, entre outros.

Com essa trajetória, a EEHB foi reconhecida e legitimada na realidade juizforana, conquistando espaços no meio universitário e junto aos recursos de saúde, especialmente a Santa Casa de Misericórdia que merece ser destacada pelo inter-relacionamento que estabeleceu com a Escola, oferecendo a ela espaços para a realização de atividades acadêmicas e para o exercício profissional. Importa, então, assinalar que a Escola se vinculou aos recursos sociais e culturais de saúde existentes em Juiz de Fora, o que contribuiu para expandir sua legitimidade e, ao mesmo tempo, garantir a conquista de espaços para que as alunas tivessem direitos reconhecidos, por exemplo, a carteira de estudante, através do Diretório Central dos Estudantes da UFJF.

A disciplina rígida adotada é compreensível para a época de criação da EEHB, pois a responsabilidade que havia na guarda de jovens sem nenhum conhecimento das diversas situações existenciais contribuía para estabelecer normas e regras de convivência no internato, na sala de aula, nos hospitais e em outros espaços sociais. Considero ainda que essa rigidez tinha relação com os padrões culturais, decorrentes do processo de colonização portuguesa, da influência do catolicismo e da discriminação social da mulher.

Com essas reflexões, fica evidenciado que essa é uma história que, como as que retratam um processo de desenvolvimento de uma instituição que tem suas complexidades, pode ser percebida na multiplicidade de aspectos que lhe são peculiares. A continuidade dessa história reflete o compromisso dos sujeitos históricos que acreditam em mudanças, em crescimento e na ampliação de espaços para a área da enfermagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1.Santos TCF.A câmara discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da capital do Brasil (1928-1938) [tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1998.
- 2.Alcântara G. A Enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 1963.
- 3.Moreira A. Desmistificando a origem da enfermagem. In: Geovanini T. História da enfermagem: versões e interpretações. Rio de Janeiro: Revinter; 1995. p. 41-81.
- 4.Brasil. Decreto n.º 17268, de 1926 apud Santos TCF.A câmara discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da capital do Brasil (1928-1938) [tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1998.
- 5.Brasil. Decreto n.º 20.109, de 15 de junho de 1931. Regula o Exercício da Enfermagem no Brasil e fixa condições para a Equiparação das Escolas de Enfermagem e Instruções Relativas ao Processo de Exame para a Revalidação de Diploma. DOU 1931 28 de junho.
- 6.Minas Gerais. Decreto n.º .1751, de 3 de junho de 1946. Organiza o Departamento Estadual de Saúde, e cria a Escola de Enfermagem no município de Juiz de Fora. Diário Oficial de Minas Gerais (Belo Horizonte) 1946 03 de junho .
- 7.Viegas C. Seminário da ABEn. Juiz de Fora: Associação Brasileira de Enfermagem – Distrito de Juiz de Fora, 1991. [1 fita cassete , Lado A, Acervo da ABEn].
- 8.Minas Gerais. Decreto 1.907, de 13 de junho de 1946. Reorganiza o Departamento Estadual de Saúde e passa a EEHB a ser subordinada diretamente à Escola de Saúde Pública. Diário Oficial de Minas Gerais (Belo Horizonte) 1946 14 de novembro.
- 9.Minas Gerais. Transferência da Escola de Enfermagem para a Universidade Federal de Juiz de Fora. Jornal Oficial de Minas Gerais (Belo Horizonte) 1977 17dez.; col.1-2, p.5.
- 10.Universidade Federal de Juiz de Fora. Resolução CEP-62/77 do Conselho Universitário. Boletim da Reitoria da UFJF 1978.
- 11.Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. [Citado mar.2004]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/rescns.htm>.
- 12.Brasil. Decreto 9.102, de 24 de março de 1942. Equiparação da Escola de Enfermagem Carlos Chagas à Escola de Enfermagem Anna Nery. DOU 1942 24 mar.
- 13.Artacho S, Furtado L. Histórico da Escola de Enfermagem Hugo Werneck. Rev Bras Enf 1962; 15 (2): 84-7.
- 14.Ferreira HS. Comunicação pessoal em entrevista não gravada.em dez.2000.
- 15.Brasil. Decreto n.º 28 376, de 12 de julho de 1950. Concede reconhecimento ao curso de enfermagem da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. DOU 1950 13 jul.
- 16.Turma da Beca. Formatura da primeira turma do Curso Superior de Enfermagem da EEHB. Diário Mercantil 1965 15 jul.
- 17.Otoni MJ. Comunicação pessoal em entrevista gravada em 13 de nov. 2001 [1 fita cassete]
- 18.Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo-EEHB. Ata de reunião do Conselho Administrativo, 27 de abril de 1954.
- 19.Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo-EEHB. Ata de reunião do Conselho Administrativo, 05 de junho de 1954.
- 20.Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo-EEHB. Ata de reunião do Conselho Administrativo, 4 de setembro de 1954.